



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

PRIMAVERA. AUTOR: EL CID

Autor(es)

ELDER LUIZ DE SANTIS

Contos / Cricas

PRIMAVERA

Era primavera quando ele se pronunciou. Ele também estava florescendo, não havia percebido. Contava ele 17, eu 40.

Sábua a natureza ao marcar o movimento da Terra pelas estações do ano. Faz-nos perceber que o tempo passa, faz-nos perceber o ciclo da vida, a notar os contrastes, a sutilezas de cada ser, de cada momento. E neste movimento, a Primavera me encanta, um pouco pelo que ela é, um pouco pelo que ela representa. Estação do ano caracterizada pela renovada vegetação. Juventude. Flores. Época primeira, tempo primordial. Juventude. Primeiros anos. Até o inverno fica aquecido quando os Ipês florescem e energizam a paisagem com suas flores amarelas, brancas, roxas.

Entre o inverno e o verão ocorrem os equinócios, os dias na primavera e no outono quando o dia e a noite são iguais em todos os lugares de latitude equivalente. E isso nos aproximava: estávamos ambos no equinócio da vida, em latitudes equivalentes, mas em hemisfério diferentes: o dele anunciava a primavera, enquanto que o meu, o outono...

Não foi em nenhum momento solene quando ele surgiu na sala de tevê, onde eu estava, e disse:

- Eu sou gay.

Não havia o que dizer. Não tinha como me fazer de desentendido. Sua voz foi clara, ferina, feérica. Não me lembro a que assistia, mas continuei a olhar para o televisor. O que diria a ele? Morri um pouco. Ele não fizera apenas um comunicado: ele cobrara coerência. Sabia muito de seus pais. Sabia que nos anos setenta eu fora hippie, adepto do amor livre, usuário de maconha. Era casado sim com sua mãe, mas a formalização da união deu-se anos após seu nascimento, apenas para ser incluso num mundo organizado, humanamente organizado. Sabia que sua mãe e eu, ainda jovens e apaixonados, fomos morar numa praia do Nordeste, Porto Seguro mais precisamente, em uma cabana perto de uma vila de pescadores. Vivíamos com os frutos do mar e da terra e com a venda de artesanatos aos turistas. Nesse ideal de mundo ele fora concebido e passou seus primeiros anos.

Seu nascimento exigiu uma revisão de nossas vidas. Por mais apaixonados que éramos, por mais descolados que fôssemos, uma criança era uma criança e exigia mais e mais... voltamos para São Paulo, numa cidade de médio porte. Eu completara meus estudos, tornei-me arquiteto. Sua mãe, promotora de vendas de cosméticos de uma marca famosa. Mesmo nos adequando ao mundo, continuávamos engajados em lutas para libertação de minorias. Participávamos de passeatas pelos direitos dos trabalhadores, pela paz, pela liberação da vida. Fazíamos moções de apoio a homossexuais maltratados por grupos de extermínio, sejam eles skinheads, neonazistas, carecas do ABC...

Ele esperava um comentário.

Eu fingia assistir a tevê.

Buscava uma explicação. Onde errara em sua educação? Não era um pai ausente, nem um pai autoritário. Muito pelo contrário, dividíamos todas as tarefas de casa, pois mesmo nos moldando aos padrões da civilização, mantivemos alguns de nossos ideais dos anos 60 e 70, como liberdade, respeito, divisão, equiparação nas tarefas... Não havia papéis definidos, é verdade. A louça era lavada por quem estivesse desocupado, assim com trocar o bebê, lavar os banheiros, fazer compras, consertar o nãooseioquequesequebrara. Teria sido isso? Faltaram-lhe referenciais definidos como eu tivera de seus avós? Não...

Era algo maior. Algo dentro de si florescia. Crescera num lar em que preconceitos eram poucos. Tinha liberdade total para encantar o mundo com a vitalidade. Para nós, o importante era honestidade, caridade, amor ao próximo, nunca se importando como o próximo se apresentasse. Sempre chamara o porteiro da escola pelo nome, sempre pediu licença para entrar. Era um ser superior, em busca de seu espaço.

Mas que destino lhe seria reservado? Seria respeitado como ser humano digno, fora de casa, da mesma forma como o era dentro dela? Dificilmente. Como num delírio, sofria por antecipação a discriminação que receberia. Seus colegas no colégio o identificariam como o viadinho. O adjetivo viadinho se sobreporia à sua índole, à sua inteligência, ao seu amor e respeito ao próximo. Talvez não fosse mais convidado para baladas, para não queimar o filme. Poderia ser expulso do time de futebol, pois os rapazes se constrangeriam no vestiário, com um viadinho por perto. Naquele momento, mais que nunca, percebi meu outono. Minhas forças caíam, assim como as folhas dos plátanos. O que faria com aquela vida, que não era a minha, mas sim a extensão da minha? Onde eu estava que não percebera nada? Não era míope para a realidade, mas o era para as emoções. Não havia enxergado os sinais que porventura tivesse existido. Mas, como podia enxergar no outro algo que não me incomoda? Se eu sofria, não era por mim, antecipava o sofrimento dele causado pelos outros, diferente de nós.

Teria sido companhia? Tínhamos falhado na educação, tornando-o suscetível a influências? Se assim fosse, poderia ser assaltante, traficante, estelionatário... não... era primavera... a natureza tem seu ritmo e seus mistérios... aquele ser vivia o seu equinócio e a seu tempo as estações passariam. O que teria pensado meus pais quando não me casei e fui morar numa vila de pescadores? Ele já se foi e não sei o que sentiu, sei apenas que derrubei algumas de suas folhas... e agora eram as minhas que caíam! Assim como as minhas, suas raízes eram profundas e fortes e não seriam removidas por olhares menores.

Não sei quanto tempo se passara, apenas disse-lhe:

- Filho, haja o que houver, sou seu pai. Seja o que é, sempre: digno e merecedor de respeito. Conquiste seu espaço.

Ele gargalhou. Não entendi sua reação. Eu não estava com vontade de rir. Do que ria??

- Calma, pai. Foi apenas um teste! Só queria saber como se comporta um militante das causas alheias quando a causa se torna própria! E aí, o que me diz?

Com seu bom-humor costumeiro ele havia me pregado uma peça. Porém, a resposta para essa pergunta ele terá, no futuro... alguma circunstância da vida dele lhe dará o que quer saber. No presente, contemplo a primavera que ele vive e me alegro com suas flores, que são lindas. São flores lindas, porque são ímpares e adornam meu outono.